

ENTREVISTA

ENTREVISTA COM KATIUSKA IZAGUIRRY MARÇAL

Por Cláudia Cisiane Benetti (UFSM)
Simone Freitas Gallina (UFSM)
Elisete Tomazetti (UFSM)

Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGE da Universidade Federal de Santa Maria, na Linha de Pesquisa 2 - Políticas Públicas e Práticas Escolares, Licenciada em Filosofia pelo Centro de Ciências Sociais e Humanas/CCSH da Universidade Federal de Santa Maria (2008). Pesquisa os seguintes temas: filosofia, ensino médio, escola, professor e ensino. Professora de Filosofia no Ensino Médio no Estado do RS.
(Texto informado pela entrevistada)



Revista Refilo: Professora Kátiuska, de antemão gostaríamos de agradecer a disponibilidade em realizar esta entrevista para a ReFilo e iniciaremos por uma questão que é sobre sua trajetória nos estudos sobre o Ensino da Filosofia no Ensino Médio? Gostaríamos de saber quais foram as principais questões que te implicaram no trabalho de pesquisa de Mestrado e como foi a composição destas questões ao te tornares professora efetiva de filosofia na escola básica?

Kátiuska Izaguirry Marçal: Sobre a pesquisa do Mestrado, posso dizer que foi a culminância das questões que eu vinha construindo durante toda a minha formação inicial. O período em que entrei na graduação foi importante em termos de Educação Básica e Filosofia: estava em curso a inclusão dos conteúdos de Filosofia no processo seletivo da UFSM (na época, PEIES); havia ainda todo o debate e luta institucional para o retorno da disciplina, junto da sociologia - o que ocorreu em 2008. Desde o segundo semestre da licenciatura, me envolvi com as questões sobre a inserção da filosofia no ensino médio e suas implicações entre os jovens estudantes, através do FILJEM. Não sei exatamente o processo subjetivo que levou meu interesse para as questões docentes. Talvez porque entenda que a formação profissional seja um importante meio de qualificação da educação formal.

Enfim, minha pesquisa questionava sobre os discursos e ações dos professores de filosofia do ensino médio em torno do conteúdo, metodologias, didática e avaliação. Fiquei bastante satisfeita com as conclusões que consegui ler nas falas dos entrevistados. Percebi, em meu trabalho, as intersecções entre o discurso sobre filosofia, na formação inicial, e as possibilidades e limites ocasionados pela estrutura escolar. Nada de novo, mas pude compreender as práticas, dificuldades e brechas enfrentadas na educação básica e hoje, as comprovo no meu cotidiano. Isso significa que tenho muita tolerância aos entraves burocráticos, estruturais (minha escola atual está parcialmente interditada, sem biblioteca, salão de eventos, laboratório de informática, etc.) e psicológicos, mas sei que é possível realizar ações que fujam deste sistema que se retroalimenta.

Revista Refilo: Fale-nos sobre sua trajetória como professora de jovens da escola básica pontuando acerca dos impasses vivenciados ao ensinar filosofia.

Katiuska Izaguirry Marçal: Sobre minha “vida de professora”. Digo que ainda não adoeci porque realmente enxergo sentido no que faço. Não sei que ilusão é essa que me impulsiona a tentar e ver sempre potência naquilo que os estudantes entregam. Aponto isso, porque os impasses que vejo quase sempre não têm a ver diretamente com os estudantes. Ouço muito o discurso “eles não pensam, eles não querem, eles não sabem o que já deviam saber”, mas quase sempre saio maravilhada com as coisas que são capazes de questionar, descobrir, contar.

Definitivamente, o ensino tradicional não dá conta: as aulas expositivas têm a duração da concentração deles - que é pequena -, avaliações tradicionais têm resultados pífios, há descaso com a entrega de trabalhos nas datas estipuladas. Concluí que não há uma prática de estudos extraclasse; aliás, os alunos não sabem estudar. Dois exemplos: 1) não percebem que exercícios de lógica, assim como qualquer cálculo matemático, devem ser repetidos exaustivamente - que não basta “ler e pronto”. 2) não têm a prática do rascunho, leitura e reescrita - hábitos tão importantes para a escrita cuidadosa que a filosofia pede.

Todavia, percebo que a maioria dos meus alunos vê sentido e gosta da Filosofia quando ela é novidade, quando ela diz coisas diferentes do senso comum, quando ela se mostra sistematizada e séria. E esta é minha estratégia: uno as práticas tradicionais que entendo que devem ser preservadas com o uso de uma didática dinâmica (teatro, visitas, elaboração de vídeos e álbuns, debates, momento de leitura de textos clássicos com chimarrão, etc.), insistindo sempre na seriedade do conhecimento filosófico e no questionamento do que trazem como senso comum e verdadeiro.

Revista Refilo: Considerando que atualmente a Filosofia, no “novo” Ensino Médio - Lei 13415/17, deixa de ser disciplina obrigatória e passa a ter o caráter de estudos e práticas, gostaríamos da sua análise sobre esta mudança, bem como nos apresente os impasses que tens acompanhado nas escolas diante de tal mudança do Ensino Médio.

Katiuska Izaguirry Marçal: A perspectiva trazida pelo “Novo Ensino Médio” parece-me um retorno à discussão anterior a 2008, quando filosofia e sociologia eram

apresentadas, na LDB, como conhecimentos transversais. Lembro que houve debate intenso a partir deste artigo da lei, justificando tornar ambas as disciplinas componentes curriculares. Portanto, este é mais um retrocesso empreendido pelo atual governo federal.

Felizmente, em minha escola conseguiu-se justificar a importância da filosofia como componente curricular a tratar dos direitos humanos (que é tema transversal, por exigência de nossa atual mantenedora). Assim, temos duas horas semanais nos segundos e terceiros anos, e uma hora semanal nos primeiros. Por outro lado, este

fato é consequência de outro retrocesso empreendido, desta vez, pelo governo do estado: a extinção do Ensino Médio Politécnico. Então, por circunstâncias peculiares, conseguimos, no currículo e na carga horária, a valorização da Filosofia, mas às custas do componente de Seminário Integrado – o qual previa o desenvolvimento da pesquisa e da interdisciplinaridade. A meu ver, uma perda.

“De modo geral, dada a conjuntura atual, a maioria dos estudantes têm opinião sobre as polêmicas e escândalos, mas há baixo índice de informação. Imagino que seja resultado do tipo de interação nas redes. Em filosofia, no entanto, penso ser bem produtivo partir dessas opiniões. Apesar da inicial apatia, ou mesmo antipatia, é possível gerar bons debates nas aulas.”

Revista Refilo: Que problemáticas têm emergido entre os jovens, frente às mudanças políticas, econômicas e educacionais em nosso Estado/País?

Katiuska Izaguirry Marçal: Sobre as problemáticas que têm emergido entre os jovens, frente às mudanças políticas, econômicas e educacionais em nosso Estado/País, vejo um reflexo do que têm ocorrido de modo amplo em nossa sociedade. Há um midiatismo sobre a política que incorre em muita curiosidade sobre personagens específicos (os alunos costumam perguntar diretamente ao professor o que acha deste ou daquele político, por exemplo). O midiatismo também gera o desprestígio da política institucional, partidária (política é chato; políticos são corruptos sempre; eu não gosto de política). Sobre a economia, temos muitos estudantes trabalhadores, mas ainda não consigo identificar se já existem

reflexos da crise no cotidiano deles. Sobre educação, há pouquíssimo interesse ou preocupação com as mudanças no ensino médio. De modo geral, dada a conjuntura atual, a maioria dos estudantes têm opinião sobre as polêmicas e escândalos, mas há baixo índice de informação. Imagino que seja resultado do tipo de interação nas redes. Em filosofia, no entanto, penso ser bem produtivo partir dessas opiniões. Apesar da inicial apatia, ou mesmo antipatia, é possível gerar bons debates nas aulas.

Revista Refilo: Como as tentativas de desestruturação das condições de trabalho dos professores, considerando inclusive o ataque ao direito de receber o salário do mês trabalho de forma adequada, tem afetado a atuação do professor e o Ensino da Filosofia?

“A respeito das condições de trabalho dos professores, penso que estejamos em um contexto bastante difícil, no qual está-se questionando a profissão docente como sub-trabalho mesmo.”

Katiuska Izaguirry Marçal: A respeito das condições de trabalho dos professores, penso que estejamos em um contexto bastante difícil, no qual está-se questionando a profissão docente como sub-trabalho mesmo. Digo isto, pois o ensino público está sob constante ataque trabalhista – com enfraquecimento do aparato sindical, do plano de carreira, do sistema de saúde e previdenciário (IPE) e com o absurdo dos atrasos e parcelamentos salariais. O chamado ajuste fiscal justifica, entre outros, o fim dos concursos públicos e a consequente precarização do trabalho. O medo

das retrações previdenciárias tem apressado as aposentadorias. A substituição, seja pela falta de concursos (fiz o último, há mais de 4 anos) ou pelas aposentadorias se dá pelo regime de contrato, o qual rompe a estabilidade do profissional que, por condição, deveria conhecer os estudantes que avalia e estar seguro no ambiente de trabalho.

Além disso, parece que há um encaixe entre as medidas tomadas nos últimos anos, independentemente do partido político. Vejamos: o modelo curricular instaurado pelo PT (Ensino Médio Politécnico) previa a interdisciplinaridade das áreas. Por um

lado, era pedagogicamente interessante, mas agora facilita o jogo entre os componentes curriculares e professores, independentemente da formação específica destes. O concurso realizado por Coordenadorias Regionais permite o trabalho em municípios diferentes – justificando a distribuição de uma carga horária flexível (prevista no Novo Ensino Médio). Na falta de profissionais, há o “notório saber”, que pauta a desvalorização da formação específica em licenciaturas.

Mas é a postura desdenhosa destes governos (federal e estadual) que certamente tem forçado a descrença por parte dos professores. Vou falar do que experiencio e evitar comparar com outros tempos (meus colegas tendem a falar de um tempo romântico em que as lutas e os lutadores eram mais bravos – não posso julgar isso...). O que percebo é que essa descrença na política institucional recai, obviamente, sobre os profissionais desta geração. Acontece com partidos, mas também com o sindicato.

Por convicção, frequento o sindicato e o que vejo, pelo menos onde atuo, é o envelhecimento deste, pois o CPERS tem grande dificuldade de atrair os jovens professores, que não enxergam a segurança e a efetividade da luta coletiva por direitos. Por conseguinte, o regime de contrato gera medo. Sim, contratados têm medo de fazer greve, paralisações, reivindicações.

De outro lado, enfrentamos um governo antidemocrático, que se recusa a negociar. A humilhação constante, os “nãos” geram enfraquecimento. Não sei explicar a causa psicológica ou social, mas concluo que “cansa”. Ora, ano passado, em duas professoras, fizemos 80 dias de greve. Houve pressão de alguns pais (que não se mostraram, mas covardemente, denunciaram em anônimo) e da CRE de minha região. Depois de 90 dias de parada, a classe seguiu recebendo parceladamente ou atrasado. Este ano, continuo com minhas convicções, mas não tenho forças para parar de novo. Parece que esta gestão nos exauriu.

Portanto, sobre a propalada desunião de classe, entendo que resulta da série de fatores contemporâneos que já citei: descrença, precarização, intransigência dos governos, cansaço.

Revista Refilo: E por último, considerando o cenário político no Brasil atual, e no Estado do Rio Grande do Sul, quais são as questões emergentes para o campo do Ensino da Filosofia desde a escola?

Katiuska Izaguirry Marçal: Por fim, gostaria de dizer que da Academia, eu via com olhos muito mais críticos o ensino e as práticas em Filosofia. Acompanhando o trabalho de colegas formados e não formados, assim como ouvindo os estudantes, posso afirmar que a disciplina gera bons resultados e boas impressões. Dentro das escolas, não vejo a desvalorização do conhecimento filosófico que acreditava haver. A atividade do pensamento realmente é difícil de ser desengatilhada ou percebida. Mas não acho que os alunos “não pensem”. Temos, enquanto profissionais, que encontrar formas de forçar o raciocínio, como usar questões diferenciadas, olhar os problemas humanos por outros ângulos, efetivar o

“Dentro das escolas, não vejo a desvalorização do conhecimento filosófico que acreditava haver. A atividade do pensamento realmente é difícil de ser desengatilhada ou percebida. Mas não acho que os alunos “não pensem”. Temos, enquanto profissionais, que encontrar formas de forçar o raciocínio, como usar questões diferenciadas, olhar os problemas humanos por outros ângulos, efetivar o processo de sensibilização proclamado por Gallo, etc.”

processo de sensibilização proclamado por Gallo, etc. Infelizmente, é fato que ações governamentais e legislativas causam os maiores impactos curriculares; uma canetada põe fim a um processo de crescimento (tal como o caso do Seminário Integrado). Por dentro das instituições escolares o maior fator negativo é mesmo o cansaço que também é gerado pelos desmandos trabalhistas já citados. Aí, remeto-me ao mea culpa da classe docente: poucos defendem a autonomia escolar, poucos apelam à comunidade para fazer valer práticas em acordo com a realidade regional. É cômodo acatar aos desmandos, e reclamar na sala de professores.